

Anna Rita Graziani

Augusto Palmonari

# O DESENVOLVIMENTO MORAL DOS ADOLESCENTES

Transgressão, conformismo  
e valores em uma idade inquieta



# Introdução

## Como se desenvolve a moralidade?

Paulo é um menino de 11 anos um pouco acima do peso. Por isso, muitas vezes ele é provocado, de maneira rude, por Eugênio, um dos seus colegas de classe. Após a enésima humilhação sofrida, Paulo perde a paciência e se encontra em uma encruzilhada: continuar “fazendo-se de superior”, como dizem seus pais, sem responder às provocações de Eugênio, ou, ao menos uma vez, ter a satisfação de dar um belo soco no insuportável valentão?

Michele tem 16 anos e sempre foi uma aluna dedicada, orgulho dos pais. Hoje, porém, foi tentada pela ideia de copiar a lição de literatura, uma dissertação sobre a poesia do século XIV, procurando algo pronto na internet. Assim, poderia aceitar o convite de Gabriel, o garoto de quem ela gosta, e ir passear no shopping. No entanto, copiar, enganando os pais e o professor que tanto a estimam, a faz sentir-se muito culpada. Por isso, a garota está muito indecisa sobre o que fazer.

É sábado à noite e Ricardo, que tem 18 anos e acaba de tirar a carta de habilitação, sente sobre si o peso da pressão social exercida pelos coetâneos. Por um lado, os amigos o convidam a beber com eles: “Uma cerveja só não vai deixar você bêbado”, por outro o garoto é bem consciente dos

riscos que corre ao dirigir depois de beber. O que fazer? Pagar mico diante de seus amigos, comportando-se de maneira responsável, ou arriscar-se e fazer como todos os outros “Uma vez só não vai fazer mal, não é?”.

Estes são apenas alguns exemplos, poderíamos dar muitos outros, das decisões que cotidianamente os garotos e as garotas precisam enfrentar. Essas escolhas não são neutras, mas requerem, de um lado, princípios e normas morais (não se resolvem conflitos com violência, todos devem cumprir suas tarefas honestamente, não se deve arriscar a própria vida e a dos outros com comportamentos irresponsáveis), de outro, necessidades e desejos pessoais (finalmente se vingar do arrogante valentão, passar um tempo com o garoto de quem se está a fim, ser bem-visto pelos amigos). É justamente o conflito entre normas e expectativas sociais (o que é certo fazer) e necessidades pessoais (o que gostaria de fazer) que torna a decisão difícil.

Este livro trata justamente disto: de como os seres humanos ao crescer aprendem a fazer escolhas em âmbito moral, equilibrando as normas e as expectativas sociais, os desejos individuais e as possíveis consequências das próprias ações. Neste ponto, é bom fazer um esclarecimento: não vamos nos ocupar com o conceito de moralidade ou em definir a natureza do bem e do mal, argumento sobre o qual filósofos e pensadores debatem há milênios. O livro enfrenta o tema do desenvolvimento moral, ou seja, como os indivíduos aprendem a pensar e a agir seguindo princípios morais. Veremos como tal percurso evolutivo acontece na transição entre a infância e a adolescência até a idade

adulta e pode influenciar, mas nem sempre determinar, o comportamento humano.

## Breves considerações iniciais

Começamos esta jornada questionando-nos de onde derivam as normas morais. Podemos ver como na história duas correntes de pensamento ocuparam-se em estudar a complexa relação entre indivíduos e normas morais, contrapondo os conceitos de “natureza” e “cultura”. Filósofos como Jean-Jacques Rousseau (1762) sustentavam que as pessoas nasciam fundamentalmente boas e morais. A sociedade e as instituições eram responsáveis pela corrupção da natureza humana. A ideia de que as crianças são completamente puras e destinadas a ser contaminadas pela sociedade não é certamente mais atual, porém, a possibilidade de que a moralidade seja inerente ao *Homo sapiens* tornou-se objeto de pesquisa de cientistas evolucionistas, a partir de Charles Darwin (que em 1871 publica *A origem do homem e a seleção sexual*). Segundo essa corrente de pensamento, o desenvolvimento da moralidade, declinada por meio de normas e regras sociais, teria favorecido a implementação do comportamento cooperativo e altruísta fundamental para a vida comunitária e, portanto, para a sobrevivência da espécie. Mais recentemente (em 2007), o psicólogo evolucionista Marc Hauser até mesmo levantou a hipótese da existência de uma *gramática moral universal* nos seres humanos, ou seja, um conjunto de princípios universais, frequentemente inconscientes, que são utilizados para a construção de todos os sistemas morais explícitos possíveis.

Segundo o autor, graças a essa dotação natural, que ocorre na mente humana, todo indivíduo é capaz de aprender rapidamente e sem esforço as normas da própria cultura de referência e de formular rápida e automaticamente julgamentos sobre o que é “certo” e “errado”.

A segunda corrente de pensamento, ao contrário, parte da ideia que, como sustentava o filósofo Thomas Hobbes (1651), a natureza humana seja substancialmente competitiva e egoísta, e que somente a educação para o respeito às normas e regras morais, desde a mais tenra idade, pode garantir a convivência pacífica entre os indivíduos. A ideia da natureza “antissocial” das crianças foi superada há tempos; os estudos mostram que ao lado de comportamentos agressivos, as crianças sabem ter comportamentos altruístas. A importância da educação e do ensino das normas e regras sociais às novas gerações, porém, continua sendo um tema central, não apenas para as ciências sociais, mas também para o senso comum. O estereótipo segundo o qual os jovens não conhecem mais as boas maneiras e não têm mais respeito pelas tradições e pelos mais velhos é velho como o mundo.

Neste livro, faremos frequentes referências ao conceito de *socialização*, entendido como o processo mediante o qual os modelos de uma sociedade são transmitidos de uma geração à sucessiva. A socialização acontece principalmente em família e é colocada em prática pelos pais, os quais, investindo tempo, energia e recursos, agem para que os próprios filhos aprendam a distinguir o “bem” do “mal” e desenvolvam qualidades morais como o altruísmo,

a generosidade e o senso de justiça, fundamentais para viver em comunidade.

Como veremos em seguida, quando as crianças são muito pequenas, os pais estabelecem regras para elas, evitando que se comportem de forma perigosa, intervindo de maneira concreta, por exemplo, separando duas irmãs que se batem e utilizando uma linguagem simples: “Flávia e Rafaela, parem de puxar os cabelos uma da outra!”. Conforme as crianças crescem e são capazes de compreender conceitos abstratos, os pais começam a fazer referência a princípios morais gerais: “É errado recorrer à violência para resolver uma disputa, porque...”. A socialização permite a interiorização dos princípios morais e a formação da consciência moral, ou seja, a voz interior que sugere o comportamento correto a adotar nas diversas situações. Nesse ponto, as pessoas escolhem comportar-se seguindo as normas morais das quais se apropriaram, não para agradar os pais ou os educadores, ou por medo de possíveis sanções em caso de comportamentos transgressivos, mas porque elas representam o único meio que os seres humanos têm à disposição para viver juntos com civilidade. Por meio da socialização, portanto, os indivíduos aprendem quais são os limites estabelecidos pela comunidade moral a que pertencem e as consequências (desaprovação, punição, exclusão social) que derivam de ultrapassá-los.

Não é preciso, porém, considerar as crianças como receptores passivos do processo de socialização. Elas são parte ativa de seu processo educativo e justamente por isso se pode falar de “adaptação recíproca” na relação pais e filhos.

Ao longo do livro veremos que as crianças vêm ao mundo pré-adaptadas, isto é, com uma dotação inata para a vida social, mas necessitando da presença e interação com adultos amorosos e atentos para tornarem-se pessoas maduras e responsáveis. É, portanto, a interação entre “natureza” e “cultura” que contribui para o crescimento moral dos indivíduos.

Ao analisar a evolução do desenvolvimento moral focalizaremos, sobretudo, a fase da adolescência, por dois motivos principais: em primeiro lugar, durante a adolescência as pessoas desenvolvem a capacidade de raciocinar em termos hipotéticos e dedutivos. Inicialmente, através dessa forma de raciocínio mais articulada e abstrata, os adolescentes são capazes de ancorar as regras aos valores que pretendem tutelar e de compreender as consequências das violações em termos de justiça e equidade. Em segundo lugar, a necessidade de pensar em termos morais torna-se particularmente relevante quando os adolescentes precisam enfrentar a tarefa de desenvolvimento mais difícil dessa fase da vida: a redefinição e a reorganização da própria identidade. Os valores morais representam uma base importante, graças à qual é possível alcançar a definição de si. Em outros termos, a elaboração da identidade implica que os adolescentes consigam sentir-se parte de uma *comunidade moral* adotando um *horizonte de justiça* (*scope of justice*). Aqueles que não resolvem essa exigente tarefa de desenvolvimento correm o risco de condenarem-se a uma espécie de *exclusão moral* que os coloca à margem do contexto cultural em que

vivem, muitas vezes gerando comportamentos que ignoram as regras sociais da convivência.

## Este livro

O primeiro capítulo diz respeito à passagem da infância para a adolescência, particularmente às mudanças físicas, neurológicas, cognitivas e sociais que ocorrem nessa fase da vida e como elas afetam o desenvolvimento moral dos indivíduos.

Como se desenvolve a capacidade de raciocinar em termos morais, compreender as regras sociais e os princípios que as sustentam é o objeto do segundo capítulo. Também tentaremos explicar o relacionamento complexo, nem sempre direto, que relaciona o raciocínio com a ação moral.

O terceiro capítulo aborda as emoções que o indivíduo experimenta quando se encontra resolvendo problemas morais ou transgredindo as normas sociais e como essas emoções são capazes de promover comportamentos altruístas e pró-sociais.

No quarto capítulo, veremos como o comportamento moral, como qualquer outra forma de comportamento e hábito, também é resultado de uma experiência de aprendizagem. Como essa aprendizagem ocorre, quais práticas educativas podem estimular os comportamentos apropriados e desencorajar os considerados socialmente indesejáveis são os tópicos que caracterizam este capítulo. Também analisaremos os mecanismos de “desengajamento moral” que permitem aos indivíduos, em determinadas situações,



desvincular-se dos princípios morais de referência e atuar com base em um mero interesse pessoal.

A relação entre desenvolvimento moral das novas gerações e contexto social é tratada no quinto e último capítulo. Em particular, será analisado como o papel da família, da escola e do grupo de amigos pode favorecer ou, em alguns casos, criar obstáculos ao desenvolvimento moral dos adolescentes.